A ESTÉTICA NEGRA E AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NA LEITURA DE IMAGENS

Resumo:

O texto propõe a reflexão em torno da educação estética para a emancipação através dos estudos de imagens que representam a cultura afro brasileira. Cientes do desafio de efetivar práticas artísticas a partir do estudo da estética negra, apontamos a importância da lei que regulamenta a inclusão no currículo da rede oficial de ensino, tornando obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Sendo a arte parte deste universo cultural/educacional entendemos como fundamental abraçar o desafio para a construção de uma educação que cultive a compreensão, o respeito e a aceitação das diferenças culturais presente em nossa brasilidade.

Palavras-chave: Educação estética. Emancipação. Leitura de imagens

Iemanjá saúda seus dançantes

Chora por eles, alegra-se com eles

As ondas embalam o caminho.

O navio traz também, o negro

Mão de obra

Trabalhador

Lucro

Resistência

O navio traz também, o *corpo negro*

A música

A dança

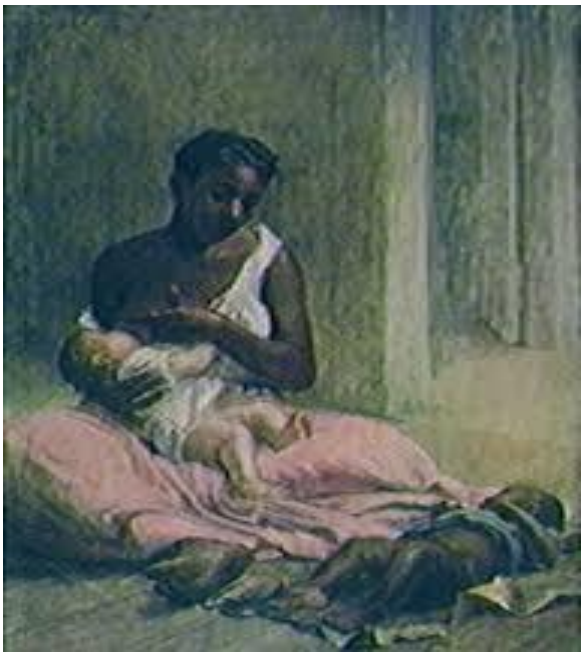
A alegria

Semente

Estética negra sufocada

Germina

A cultura afro brasileira.



Lucilio de Albuquerque. Mãe Preta, 1891.

Este artigo propõe pensar as imagens que representam a cultura afro-brasileira considerando sua inserção na sala de aula a partir das diretrizes curriculares interligadas a lei 10.639/2003. A imagem escolhida para abrir o texto, “Mae Preta” de Lucílio de Albuquerque, representa o potencial educativo e sensível e as aulas de arte se configuram como um espaço privilegiado para o estudo e a discussão dos fenômenos culturais. A herança dos povos de origem africana em suas várias manifestações artísticas incluem as imagens que representam seu lugar e sua identidade no mundo compartilhado. Buscando a educação estética para a emancipação, consideramos necessário a inserção do mundo sensível e imagético de nossas raízes afro-brasileira para que se efetive uma educação estética a partir da estética negra. Esse movimento é possível através das particularidades da arte em variadas manifestações artísticas que representam essa intercultura.

Portanto, nas tramas do tecido social contemporâneo, a educação assume lugar importante para a formação moral, intelectual e global dos sujeitos sociais. Na articulação dos saberes que perpassam o projeto educacional, identificamos a arte e seus elementos como formadores e

propulsores de experiências de ordem práticas ligadas ao sentir. Entre esses elementos temos as imagens com um potencial educativo e que se apresentam em ampla escala, passando pelas campanhas publicitarias, vídeos, filmes e obras de arte. Na agenda dos desafios da arte na educação está a de priorizar o pensamento crítico das imagens, sejam elas obras de arte ou não.

Se posicionar frente às imagens, compreendendo esta relação sujeito x objeto (imagens), que não é estéril, é condição importante para o leitor crítico, que poderá também pensar e agir na sociedade, na escola e na própria comunidade. O desafio da Arte na educação, e da educação estética, é desenvolver e estimular os sentidos humanos para a emancipação dos sujeitos. Sendo assim, as imagens possuem um papel importante no processo educacional, pois frente a elas, e através delas, os alunos e professores, podem ter sua visão ampliada para então enfrentar as dificuldades vividas em seu cotidiano de forma crítica e sensível.

A lei 10.639/2003 orienta o ensino da cultura Indígena nas escolas brasileiras, ensino fundamental e médio, estabelecendo a obrigatoriedade de incluir diversos aspectos da história e da cultura dos povos que formaram a população brasileira. Estreitando um pouco mais a orientação, a Lei 11.645/08 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, tornando obrigatório a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. A arte como parte deste universo cultural/educacional abraça o desafio de uma educação que busca a compreensão e a aceitação das diferenças.

Mas trabalhar o universo imagético dos negros e dos índios sem violar sua força estética parece ser um dos desafios. No documentário “O povo Brasileiro”, de Darcy Ribeiro, o universo indígena se constitui por rituais. O índio festeja o plantio, a colheita, o nascimento e cultua a morte. Se enfeita, canta, dança, brinca muito: “Acho que é muito difícil para nossa cultura suportar tanta beleza" (Darcy Ribeiro). No mesmo documentário, o pesquisador fala da estética africana, pontuando quatro pilares que a fundamentam: pessoa, comunidade, natureza e criação.

As imagens utilizadas em sala de aula, por muito tempo, foram da arte europeia, seguida do estudo do modernismo no Brasil e a discussão insuficiente e tímida da presença do negro e do índio na arte brasileira. No que confere ao mundo sensível do índio, aponta-se um estudo de sua cultura entendida como excêntrica ou exótica. A cultura africana também enfrenta preconceitos e com casos de violência, como a questão religiosa. Com a lei orientando o currículo, busca-se, mesmo que de forma lenta, reescrever a história negada da cultura afro-brasileira e especialmente da arte e da estética africana, que vai além das máscaras africanas.

A estética negra como possibilidade de emancipação na leitura de imagens permite ações práticas e estudo compreensivo da cultura afro-brasileira para que nossos alunos conheçam sua história tendo o negro como agente, reconhecendo suas tradições, seus saberes e fazeres. Compreender a estética negra, é entender que o racismo presente até hoje é fruto de uma parte da história e que a outra parte contempla a luta dos negros escravizados que lutaram em busca de sua liberdade e autonomia. Pensar a estética negra é antes de tudo sentir, pois ela se materializa no corpo inteiro antes de se transformar em cores e formas, pensamento e ação. Este corpo negro pensado para além do individual, é também cabelo, boca e nariz, mas é também coletivo. Os padrões estéticos da cultura branca, quase sempre, viola a criança negra em sua identidade, em seu corpo e em sua cultura.

A arte na educação, através do estudo da cultura afro-brasileira e da estética negra, assume importante papel no combate ao racismo na nossa atual sociedade. Os alunos e alunas negras que por inúmeros momentos sentem a discriminação podem encontrar no estudo de sua cultura e na beleza de sua estética pontos de apoio para o despertar do orgulho de sua africanidade. As imagens que revelam este universo sensível devem estar presente nas aulas de arte e o professor preparado para falar da cultura do outro, que se mescla com a sua. Estudar os heróis, os intelectuais, os pintores negros é uma forma de apreender a cultura afro-brasileira.

A pluralidade do continente africano constrói o Brasil através de algumas etnias como banto, jeje , nagô, malês e sua riqueza cultura se mescla a cultura brasileira. Conhecer toda nossa cultura contemplando essas raízes parece ser

um excelente caminho para o combate à violência simbólica. Escolher falar do negro valorizando sua identidade; suas particularidades e características físicas, sua cultura, sua arte e sua força estética é uma excelente opção para as aulas de arte. O sucesso dessa conquista pode impedir situações de violência que ainda hoje estão presentes em nossa sociedade submersa no mito da democracia racial. Ponto central para as mudanças necessária é reconhecer que nossa sociedade é racista e na escola este racismo também existe.

A educação estética como desafio: cultivando os sentidos

A arte, com seu conteúdo próprio, encontra na educação campo fértil para propor aos estudantes o entendimento dos elementos formativos e da vivência das obras de arte, seja no processo criativo das práticas artísticas, na música, no teatro, na dança ou nas artes visuais. Muito além da identificação dos elementos visuais presente nas obras de artes, superando o conhecimento básico dos gêneros e estilos musicais e teatrais, a arte na educação deve buscar também o desenvolvimento da educação estética e a possibilidade da experiência estética. Para Read (2001) pensar a educação da sensibilidade estética é reconhecer a importância dos sentidos nos quais a consciência, a inteligência e o julgamento do indivíduo humano estão baseados; é buscar o ajustamento dos sentidos.

O grande desafio, hoje, é compreender de que forma nossos métodos educativos dão conta do desenvolvimento da sensibilidade estética, pois é a educação dos sentidos que vai proporcionar ao homem, segundo Sánchez Vázquez (1999), a experiência da beleza, do sublime, do trágico, do cômico e do grotesco. A relação estética do homem com o mundo, sua dimensão histórica e social é um processo a ser construído também nas aulas de arte.

Neste sentido, a beleza frente ao objeto é um estado de percepção que ocorre, no campo da educação, no encontro entre a obra e o expectador, chamada de situação estética organizada na relação sujeito e objeto. É nessa colisão que as possibilidades de uma experiência estética se materializam,

gerando sentimentos que na educação se destina a reconstrução do que está posto, ao autoconhecimento, ao pensamento crítico e a ação.

É na vivência em arte que pode ocorrer o desequilíbrio necessário para ultrapassar os processos de formatação impostos por algumas práticas educativas, que nos robotizam e nos fragilizam através do estudo superficial da arte. Alcançando lugares de estranheza que irão nos provocar e promover indagações acerca dos fenômenos, o resultado da experiência estética poderá ser a efetivação das mudanças desejadas no individual para o coletivo. É a junção articulada do pensar e do agir, que confere o tão desejado salto qualitativo em nossa educação.

Quando temos a oportunidade de conhecer obras de arte, podemos sentir e reagir de diversas formas: o prazer causado pela beleza, a compreensão da obra como trabalho humano ou ainda a percepção utilitarista da obra, sua funcionalidade refletindo a relação de consumo, que neste caso, a porção estética da arte esvazia-se. No mundo capitalista ocorre uma mistura de valores sem um limite que preserve o humano, o sensível. A funcionalidade impera, seja do objeto ou de nossas ações.

Por isso, conscientes destas ciladas é que lutamos por uma educação estética que busque a beleza de forma ampliada, conectada aos sentidos e significados da realidade dos sujeitos, pois é o resultado dessas vivências que interessa para uma efetiva arte na educação que a partir da educação estética envolve as estruturas de pensamento imaginativas e do sentir particular. A estética negra, nesse sentido, é fundamento para uma educação estética emancipadora; é o reconhecimento de nossos valores construídos pela raiz africana.

A obra de arte em sua porção estética não se autentica na utilidade e sim na capacidade de despertar nosso sentir para o agir. Longe do projeto utilitarista e prático do mundo do consumo, no qual estamos submersos, a experiência estética prima pelo prazer não desejado, pela beleza sem função prática. Ela é acessível a todos, pois vagueia em nossa capacidade perceptiva, independente do intelecto. Segundo Duarte Jr (2009), em uma experiência estética nossos sentimentos são tocados e despertados pelas formas do objeto

fruído, fazendo vibrar nossos sentidos e fazendo-nos descobrir particularidades de nossa vida interior. Sendo assim, completamos a obra vivenciada, com nossas interpretações pessoais nutridas pela nossa formação cultural. Somos parte importante das obras fruídas, é nossa percepção que dá sentido completo a sua existência, em um mundo privado que objetiva o coletivo.

> A experiência estética é uma forma de relacionamento eu-tu, onde sujeito e objeto encontram-se face a face, numa relação de igualdade. Não existe subordinação. Durante seu decorrer não há conceitualizações nem pensamentos discursivos a respeito do objeto, há apenas um experenciar global, onde os sentimentos vibram a partir das formas por ele apreendidas. (Sánchez Vázquez, 1999, p. 56)

.

As possibilidades emancipadoras da experiência estética é fundamental em nosso reconhecimento como sujeito histórico. Para Duarte Jr (2009), não importa o que (qualquer assunto é possível de estetização), e sim como se constitui a obra. Para exemplificar sua fala o autor utiliza como exemplo a diferença entre as maçãs de Cézanne e as de dona Clotilde que as pinta em seus panos de prato; onde tal diferença reside precisamente no “potencial expressivo” conseguido nas imagens de cada um, ou seja, a forma e o conteúdo. Assim, assumir a educação estética nas aulas de Arte é também pensar com cuidado sobre as escolhas das obras de arte e das práticas artísticas, levadas para a sala de aula. Como educadores comprometidos, desejamos que os alunos não saiam indiferentes ao que experimentaram, pois sabemos que todo objeto estético pode nos revelar aspectos de nossa vida em sociedade, dependendo também da nossa forma de ver o mundo e de como nos relacionamos com ele. Dessa forma, desenvolver a sensibilidade no processo educacional se torna fundamental por ser um caminho sem volta, uma experiência marcante que nos toca e nos modifica perante o mundo.

> O cerne da questão se refere à qualidade dos sentimentos despertados no espectador, que não é idêntica a dos sentimentos surgidos na vida prática. Formulação de nossas concepções de sentimentos e nossas concepções da realidade visual clarifica e organiza a própria intuição. (Ibidem, p. 57)

Esta qualidade referida pelo autor está ligada diretamente as obras de arte e as práticas artísticas presentes, também, nas aulas de arte. A

importância de uma educação estética se efetiva neste sentir, emancipar e, por isso, não abrimos mão de defendê-la e vê-la concretizada na escola. É a obra de arte que vai atuar na formação sensível e por serem testemunhas de tempo, lugares e culturas diversas podem nos ajudar a compreender e modificar o que nos incomoda hoje, a compreensão da responsabilidade da obra de arte deve partir do professor e encontrar ressonância no aluno em um acordo que beneficia ambos.

> A arte educa, sim, com uma condição: que o educando, vamos falar assim, traduza para si mesmo o que aprendeu, colabore com a educação proporcionada, ainda que não tenha sido objetivo do artista educar alguém. (PERISSE, 2009, p.3)

Parece ser imprescindível a participação do aluno no seu processo de aprendizagem, ele precisa se permitir sentir para conhecer. E esse aluno tem suas riquezas culturais, sua raiz. Portanto, o estudo da estética negra é imprescindível e importante neste processo de pertencimento. Lidar com o mundo sensível, que é o nosso corpo, é dialogar com nossas experiências e lidar com nossos desajustes humanos, nossa histeria coletiva. Lutando contra a subjugação às regras impostas e fugindo do mundo das aparências que vivemos, nossa sensibilidade, quando desenvolvida, nos permite ser verdadeiros, reconhecendo o que nos constitui: cultura, ideologia, preconceitos.

Ao discutir a importância da educação estética, Sánchez Vázquez (1999) define a educação estética como uma necessidade de contemplação humana; como resistência às ideologias estéticas e com potencial para dissipar a nevoa acerca dos regimes de dominação e alienação através da consciência do lugar que cada um ocupa. Como professor, é fundamental pensar nas pessoas que estamos ajudando a formar, pois dividimos o mundo e seu universo de (in) sensibilidade, onde “somos delicadamente sádicos, gentilmente perversos, secretamente maus” (PERISSÉ, 2002, p. 28).

Os processos cognitivos, as didáticas e intervenções de aprendizagem são dirigidos às pessoas que comportam um corpo sensível; “captar a respiração da realidade para não morrermos de asfixia espiritual” (idem, 2002, p. 16), pois o sentir educado molda nossas atitudes e, no processo educacional, o sentido real de aprender deveria ser o de resguarda o que

temos de bom para sermos cada dia mais humano, e que nossas vivências educacionais e cotidianas sejam direcionadas como uma forma de. “(...) nos alfabetizar para avencas e Proust” (idem, p. 22). A convivência com as obras clássicas europeias, com a estética negra, com as artes populares; o contato com a natureza e com a comunidade, e, principalmente com o outro, são objetivos de ser educado esteticamente para a vida.

> Formação estética não é, portanto, satisfação caprichosa do gosto, busca que me agrada pura e simplesmente. É compreensão (e relativização) até mesmo dos motivos que me levam a não gostar de determinado autor, do trabalho de determinado artista. Compreender e saber o porquê dos desgostos. (PERISSÉ, 2002, p.47)

Ser educado esteticamente nos permite ter potencial crítico, sentidos desenvolvidos para nossa constituição comprometida com a sociedade na qual ~~em que~~ estamos inseridos. É não passar pela vida de forma superficial e lutar pela recuperação da nossa capacidade, exaurida intencionalmente, de sentir e se revoltar, de se emocionar e amar. É também equilibrar o pensamento e a emoção, que não precisam ser concorrentes, mas parceiros no processo de aprendizagem. E neste processo educacional de educação estética, que o professor é participante ativo através do seu ato educativo e que deve ser permeado por sensibilidade identificando a necessidade de lapidação das relações humanas, descartando tudo que nos inferioriza, nos amedronta, impede nossa capacidade de sonhar e de ser criativos.

> A pretensão não é fazer nascerem artistas ou críticos de arte, mas apenas fundar a possibilidade de um olhar analítico no que diz respeito a imagens cotidianamente veiculadas por meios de in-formação da massa; um olhar crítico sobre a realidade cotidiana. (MEDEIROS, 2005, p.109)

Defender a educação estética e a experiência estética é priorizar a regeneração do sentir, é preservar o que a arte conserva de possibilidade. É também destituir a máxima de que a escola não é lugar para a educação do sensível, que a racionalidade deve prevalecer em fórmulas e palavras memorizadas. É propor a poesia todos os dias e também experimentar novas canções. É trazer o teatro para os estudantes, propor vivências e o toque na busca de sorrisos; compreender que muita coisa ainda está e pode ser

construído. Reescrever a história da África que veio nos ajudar a construir o Brasil, e valorizar este presente sem esquecer de que forma este encontro aconteceu.

Através dos sentidos educados podemos encontrar o outro que me constitui, de forma aberta, deixando de lado o preconceito baseado na avaliação de gestos e escolhas, pois as diferenças assinaladas no outro não autoriza processos de divisão, de propagarmos adjetivos (des)valorativos. Perissé (2002) declara que a educação estética vai proporcionar a possibilidade de sermos adultos adulterados, e assim reencontrar a alegria de pensar, imaginar e agir no mundo. O momento atual do consumo nos aponta o abismo onde não se distingue pessoas de objetos, e esse quadro reforça a importância de se deixar abalar pelas obras de arte de diferentes culturas, especialmente da arte negra. A educação estética é tarefa a ser cumprida também pela arte na educação.

Neste texto, considerando as concepções de estética defendidas ao longo da história, assumimos a definição de arte e estética como produzidas pelo homem e para o homem, ou seja, historicamente construída. A força inegável da obra de arte, presente na relação homem x objeto, é entendida aqui, como a força criativa. Sabemos que essa força é negada, violada e perseguida por uma sociedade frívola, carente, consumista e superficial, e no caso da estética negra, por uma sociedade racista.

No entanto, a obra de arte coexiste como uma necessidade do homem de sobrevivência do humano que existe em cada um. Esta forma de viver em sociedade é que justifica a arte como trabalho individual e coletivo. A arte para nós é uma prática humana entendida como desafiante do capitalismo voraz da sociedade contemporânea. Criar e se autoconhecer é assumir uma luta contra valores impostos, é retirar as máscaras sociais que sufocam nossa capacidade de superação.

As teias ideológicas são também impulso para a busca do artista em resgatar sua autonomia, e este resultado atinge de forma significativa a educação estética aplicada nas escolas. O racismo presente na sociedade que vivemos é uma teia ideológica, mas é também trampolim para

superarmos os preconceitos. A estética como força indispensável da obra de arte autêntica age em contraposição com as encomendas da arte mercadológica.

A arte como fenômeno concreto revestido pela estética reflete a capacidade de superação do homem, de mudança em suas condições materiais e emocionais temporais. No processo de transformação do homem e da sociedade emerge a necessidade de existência concreta para ajudá-lo, existe a arte como possibilidade e, por isso, as práticas artísticas estão atreladas diretamente a história do homem.

O ato criador, a necessidade de expressão e comunicação ou ainda conviver com obras de arte é uma necessidade que acompanha o homem da caverna e o homem tecnológico. Os homens mudam a sociedade, a arte se reveste com as características e necessidades deste homem social histórico e como faísca desassossegada da ânsia de viver com autoria A obra de arte permanece marcando o tempo de seu criador.

> A arte que assim serve a verdade, como meio específico de conhecimento tanto por sua forma quanto por seu objeto, é precisamente o realismo. Chamamos de arte realista a toda arte que, partindo da existência de uma realidade objetiva, constrói com ela uma nova realidade que nos fornece verdades sobre a realidade do homem concreto que vive numa determinada sociedade, em certas relações humanas histórica e socialmente condicionadas e que, no marco delas, trabalha, luta, sofre, goza e sonha. (SANCHEZ VÁZQUEZ 1978, p. 36)

A importância do artista e da obra de arte está atrelada também a sua relação de verdade com a sociedade, seu reconhecimento na obra como trabalho necessário para sua superação, para as conquistas individuais e coletivas. O professor de arte, ao compor suas aulas com obras da arte, deve ter a consciência desta premissa: ser um sabedor da ligação concreta da obra de arte com o sujeito histórico social. Nossa preocupação deve contemplar questões tais como: a) quais obras de arte estamos levando às nossas aulas? b) quais são os sentimentos e as reflexões que podem surgir a partir da leitura das imagens selecionadas? c) quais as ações concretas que podem surgir a partir destas leituras, d) de que forma sinto a estética negra e como posso, através das imagens, sendo elas obras de arte ou não, proporcionar aos alunos

várias faces da história dos povos escravizados e da herança cultural partilhada?

Podemos, então, construir uma educação estética que busca equilibrar sentir, pensar e agir, primando pela “valorização epistemológica, filosófica e metodológica da dimensão lúdica e estética do ser como fundamento e mediação da educação (COLARES, 2001, p. 23).

Considerações por agora

Diante destas reflexões, entendemos como imperativo a superação dos problemas que envolvem as relações sociais das quais a arte e a educação estão inseridas. O cultivo do respeito e reconhecimento; a aceitação das diferenças culturais, a valorização dos povos que partilharam sua sensibilidade na construção do povo brasileiro é tarefa urgente. Somente um professor educado esteticamente e fruidor da estética negra poderá construir nas escolas ou mesmo fora dela, lugares de debate e estudo para a valorização da nossa herança cultural. Refletir criticamente sobre nosso lugar, a sociedade em que estamos inseridos e olhar atentamente tudo que nos rodeia, são atitudes que poderão nos ajudar a entender a urgência de mudança nesta sociedade caótica e racista. É também o entendimento da importância do “eu” diante do sentir, refletir e agir, construindo assim novas formas de diálogo frente à pluralidade cultural, perante este tempo que se mostra globalizado conectado às redes de informações, mas que ainda fragmenta algumas relações.

Há de se entender que vivenciar uma educação estética significativa e emancipadora em sala de aula denota derrubar barreiras, questionar ideologias e enfrentar desafios em qualquer área educacional, desde o ensino de matemática, de filosofia e ciências. As particularidades da práxis do professor de Arte apontam um educador que vai falar de pintura, escultura, cinema, música, teatro entre outras manifestações artísticas relacionadas a obras de arte que representam o estudo de culturas distintas e de períodos históricos diversos. O estudo da estética negra como caminho para a emancipação

confere um ganho existencial, e por isso nos move a defender a educação estética como fundamental na formação educacional.

A arte como campo de conhecimento específico traz em seus elementos possibilidades para o universo da aprendizagem, de emancipação através do acesso aos códigos culturais imbricados nas obras, mas principalmente em seu conteúdo material humano crítico emancipador. Concordamos com Fischer (2002) que ao analisar o mundo capitalista na relação arte e as massas, alerta que existe uma produção de narcóticos lucrativos que modificam de forma perversa o conto de fadas e atinge nossa imaginação, depravando-a. Somos visto pelo capital como trogloditas, que devem ser saciados em seus instintos bárbaros e até as imagens dos sonhos são comercializadas.

Essa consciência crítica pode e deve ser desenvolvida na educação das pessoas, professores e alunos. Cientes que o racismo é um problema de todos, pois gera equívocos que se transformam em violência simbólica e física para negros e brancos, levamos a cultura negra para a sala de aula em doses valorativas, gerenciando o processo de tensão existente. No que confere as imagens, o estudo crítico, a reflexão e o cuidado que o professor deve ter ao leva-las para discussão é fundamental. Assim, conscientes da importância da educação estética e assumindo as diretrizes da lei 10.639/2003 na construção de uma visão ampliada sobre estética negra e a herança cultural afro-brasileira, seguimos lutando e buscando caminhos que nos levem ao nosso objetivo: a educação estética para a emancipação.

Referencias

COLARES, Edite ET AL. **Ensino de Arte e Educação**. Coleção para professores nas series iniciais. Volume 2. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O que é beleza: (experiência estética). 3**. ed. São Paulo : Brasiliense, 2009. (Primeiros passos, 167).

FISCHER, Ernst, 1899 1972. **A necessidade da arte**.9. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 2002.

FROMM, Erich. **Ter ou ser?** Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1977.

Lucilio de Albuquerque: **Mae Preta, 1891**. Disponível em: <http://www.brasilartesenciclopedias.com.br/galeria/mae_preta.html>. Acesso em 06 julho de 2014.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis**: estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2005.

PERISSE, Gabriel. **Estetica & Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **Documentário O povo brasileiro completo 1995.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nQCqg1J4owM>. Acesso em 11 julho de 2014.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **As idéias estéticas de Marx.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. 330p. (Rumos da cultura moderna, v.14). Título original: Las ideas esteticas de Marx